



1

XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB)

GT 10 – Informação e Memória

## ENCONTRO COM AS MEMÓRIAS LEITORAS DO BIBLIOTECÁRIO CONTADOR DE HISTÓRIAS

### *MEETING WITH THE LIBRARIAN STORYTELLER'S READING MEMORIES*

Laiana Ferreira de Sousa<sup>1</sup>, Izabel França de Lima<sup>2</sup>

**Modalidade da apresentação:** Comunicação Oral

**Resumo:** Este artigo visa analisar as experiências leitoras do bibliotecário, formadas ao longo de sua trajetória de vida familiar, escolar, acadêmica e profissional, avaliando se possuem relação com suas práticas enquanto contador de histórias, sobretudo nas bibliotecas públicas e escolares. Busca-se suscitar a rememoração de histórias de vida e o seu entrelace com a trajetória pessoal e profissional. Os referenciais teóricos adotados compreendem, principalmente, o campo da mediação da informação, leitura literária, oralidade e narrativas, a partir de autores como: Lajolo (2001), Zilberman (2003), Chartier (1998), Meireles (1979), Benjamin (1994), Almeida Junior (2010). Também busca a compreensão dos conceitos de memória e de suas inter-relações em Halbwachs (2006), Nora (1978), Ricoeur (2007) e Santos (2012). Ademais, propõe-se investigar como as ações de mediadores sociais de leitura (pessoais e institucionais) podem ter contribuído para a formação literária desses profissionais. Para tanto, serão apresentadas neste artigo as análises das memórias de leitura e as narrativas de um bibliotecário contador de histórias que atua numa biblioteca de caráter público da cidade de Fortaleza. A escolha metodológica foi a História Oral com abordagem em História Oral de Vida, utilizando-se da entrevista semiestruturada para garantir o acesso às memórias orais do interlocutor.

**Palavras-chave:** Memórias Leitoras. Mediação de Leitura. Contação de Histórias. Leitura Literária

**Abstract:** *This article presents part of a qualification project's research that analyzes the librarian's reading experiences, formed along their trajectory of family, school, academic and professional life, assessing if it's related to their practices as storytellers, especially on public and school libraries. It seeks to elicit a recall of life stories and it's interlace with personal and professional trajectories. The adopted theoretical references comprise mainly the field of information's mediation, literary reading, orality and narratives from authors like: Lajolo (2001), Zilberman (2003) Chartier (1998), Benjamin (1994), Almeida Júnior (2010). It also seeks an understanding of memory concepts and their interrelations in Halbwachs (2006), Nora (1978), Ricoeur (2007) and Santos (2012). In addition, it*

<sup>1</sup> Mestranda pela Universidade Federal da Paraíba. Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará (2011). Especialista em Teorias da Comunicação e Imagem pelo Departamento de Comunicação Social - UFC (2013).

<sup>2</sup> Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais(2012), mestre em Educação (2007) especialista em Gestão de Unidades de Informação (2006), graduada em Biblioteconomia (1989) e em Administração (1999) pela Universidade Federal da Paraíba.

*aims to analyze how the social reading mediator's actions (individual and institutional) may have contributed to the literary training of these professionals. Will be presented in this article the analyzes of the reading memories and the narratives of a librarian storyteller who works on a library public in the city of Fortaleza. The methodological choice was based on the Oral History, with the approach on the Oral History of Life, using a semi-structured interview to guarantee access to the oral memories of the interlocutors.*

**Keywords:** *Readers memories. Reading mediation. Storytelling . Literary Reading.*

## 1 INTRODUÇÃO

A temática abordada, neste artigo, se insere no universo simbólico da mediação social da leitura literária por parte do bibliotecário mediante narrativas orais, ressaltando-se as peculiaridades do contador de histórias contemporâneo. Visa percorrer, através das memórias dos contadores de histórias, o itinerário de leitura do bibliotecário na perspectiva de possibilitar a discussão e compreensão acerca da importância de mediadores (pessoais e institucionais) na sua prática literária. Nosso intuito é compreender até que ponto a presença desses mediadores torna-se algo peculiar e imprescindível para o desenvolvimento e formação do mediador de leitura.

O bibliotecário é identificado neste texto como um profissional que possui diferentes papéis na sociedade e, portanto, deve apresentar múltiplas competências que variam de acordo com o seu espaço de atuação. Em especial nas bibliotecas públicas e escolares, ele deve apresentar perfil de educador, leitor e principalmente mediador social, quando se utiliza de artifícios da literatura oral para aproximar o leitor do texto literário. Esta prática é muito decisiva para a aprendizagem do ser humano, constituindo-se como um processo básico no qual o indivíduo é capaz de receber informações e interagir socialmente.

Apesar de no Brasil o número de pessoas alfabetizadas ou em fase de alfabetização está crescendo, pesquisas realizadas recentemente mostram que o número de leitores ainda não tem acompanhado esse ritmo. Os dados levantados pela última pesquisa Retratos de Leitura no Brasil<sup>3</sup> apontam que, embora o número de leitores tenha crescido, uma parcela significativa da população tem dado pouca ou nenhuma importância à leitura, ao menos na sua forma tradicional.

O que nos faz indagar sobre o abismo que existe entre saber ler e o não interesse pela leitura. A resposta pode estar na mediação de leitura e como a experiência dessa prática vem sendo exercida nos espaços socialmente constituídos, a exemplo das bibliotecas.

---

3A pesquisa Retratos de Leitura no Brasil é realizada pelo Instituto Pró-Livro com apoio da ABRELIVROS, CBL e SNEL. No Brasil é a única pesquisa, em âmbito nacional, que tem por objetivo avaliar o comportamento leitor do brasileiro. Desde 2007, a pesquisa vem realizando estudos no âmbito da prática literária, tendo empreendido mais duas pesquisas em 2011 e recentemente em 2015. Os resultados apontaram para um crescimento a nível nacional de leitores (para pesquisa leitor é aquele que leu pelo menos parte de um livro nos últimos três meses), os índices de leitura passaram de 4 livros por ano, em 2011, para 4,97 em 2015. Entretanto, no Nordeste os números não evidenciaram crescimento, permanecendo a mesma média de 2011. Disponível

em: <<http://www.publishnews.com.br/estaticos/uploads/2016/05/zPurbYyLtHcykd8onwpYk7qz6lopAWUYdDIHbLRAKy1FQWdCNf64T4VIOIZAP7BUJAxYsxbY73VaWp.pdf>>.

Acesso em: 19 de mai. de 2016.

Dentre as práticas exercidas para a mediação social da leitura encontra-se a contação de histórias, uma arte milenar que amplia o universo literário e contribui para despertar o prazer e o gosto pela leitura, estimulando a imaginação e a fascinação do ouvinte. A prática de contar histórias reporta-se às origens da sociedade humana, como uma das primeiras manifestações culturais usadas para preservar os valores de uma comunidade, bem como sua integração e coesão social.

Diante de tanta mecanização e industrialização das formas de se comunicar e interagir com a sociedade, o contador de histórias perpassa por essas barreiras e encontra o seu espaço de mediador social da cultura e da leitura. Hoje, ele ressurgiu numa sociedade letrada, com textos escritos e livros publicados. Dessa forma, adequa-se às narrativas escritas, contando histórias presentes nos livros de literatura e mediando o processo de apreciação literária. Não seria difícil de imaginar a sua proximidade com os espaços das bibliotecas e a função de bibliotecário.

Para que essa prática seja levada adiante, é preciso que esse profissional reconheça sua responsabilidade de mediador social e atue de forma a contribuir para a formação de leitores. Principalmente, se lembrarmos de que um grande número de brasileiros só tem acesso a livros e outras fontes/recursos de leitura na biblioteca. Negligenciar esses aspectos da leitura, em especial da leitura literária, pode gerar desastrosas consequências. É preciso evidenciar a responsabilidade de mediação que se confere ao bibliotecário já que ele está entre o leitor e o acesso à leitura. (ALMEIDA JUNIOR; BICHERI, 2013).

Entretanto, é importante salientar, que esse processo de apropriação do papel de mediador e formador de leitura por parte dos bibliotecários, vem sendo estruturado desde as suas primeiras interações no universo leitor. Isto significa dizer, que para analisar as práticas sociais destes profissionais no âmbito da mediação é necessário primeiro descortinar suas memórias leitoras e analisar essa formação no campo pessoal.

Para adentrar no estudo proposto, utilizamos como instrumento de pesquisa, os relatos de vida orais, embasado no método de História Oral, visto que será solicitado ao narrador que ele relate momentos de sua vida, relacionados à temática de sua formação leitora e prática profissional enquanto mediador de leitura. Nesse sentido, foi gravado, em áudio, os relatos de um bibliotecário com experiência em bibliotecas públicas e escolares, já que esses espaços se configuram como lugares de promoção e mediação da leitura literária.

Não nos interessa com essa pesquisa construir e revelar uma verdade, mas evidenciar sentimentos, sensações, lembranças e esquecimentos, assim como foram sentidas e evocadas na época recordada. Não é importante comprovar se aquilo realmente aconteceu como estar sendo narrado, pois o que nos garante como retorno da pesquisa é o que aquela recordação

traz como sentimento e modifica a vivência atual daquelas pessoas no espaço presente. Parte-se do pressuposto da pesquisa social de que não existe “a verdade”, mas a forma como o mundo é visto e interpretado por cada sujeito social.

Aqui apresentaremos uma parte dos resultados da pesquisa direcionados às experiências literárias, a partir das memórias dos contadores de histórias, desde a formação enquanto leitor até a realização de sua prática profissional.

## **2 AS VOZES QUE RESSOAM DA MEMÓRIA COLETIVA**

Antes da escrita, o saber humano era transmitido pela oralidade. Por essa razão, a memória sempre apresentou grande importância para as sociedades antigas, uma vez que, a partir dela, o conhecimento podia ser transmitido entre gerações. Dessa forma, os mais velhos se encarregavam de transmitir, por meio das palavras, os acontecimentos cotidianos e o conhecimento produzido por seus ancestrais.

A memória, naquela época, era fundamental para os povos, pois sem a existência da cultura escrita, era pela oralidade e memorização dos fatos, que se tornava possível a sua narração. Somente por meio da memória, o conhecimento podia ser transmitido entre gerações.

Como destaca YUNES (2002, p.136),

Mesmo antes da escrita o homem lia. Lia o mundo com seu olhar, com experiências sensoriais e, utilizando-se da linguagem oral e das imagens, trocava ideias, refletindo sobre tudo o que o cercava. E, mesmo com a escrita, continua utilizando-se da palavra e das imagens para fazer suas observações e, principalmente, argumentar.

No período medieval, a oralidade foi marcada pela descoberta da poesia e da literatura oral. Como esclarece Zumthor (1993, p.9), “A voz foi então um fator constitutivo de toda obra que, por força de nosso uso corrente, foi denominada ‘literária’”.

Mais tarde, no século XV, a invenção da Imprensa propiciou novas e importantes formas de comunicação, especialmente nas sociedades burguesas. E, com o advento do capitalismo, a oralidade materializou-se, trazendo consigo a necessidade da leitura em um suporte físico, que possibilitasse tanto a transmissão do conhecimento, quanto a organização da informação produzida.

Muito do que temos hoje registrado como história nasceu das rodas de conversas, dos causos ouvidos, dos mitos contados, das histórias narradas “o gosto de contar é idêntico ao de escrever e os primeiros narradores são os antepassados anônimos de todos os escritores”, ressalta Meireles (1979, p. 42).

Nas antigas sociedades agrárias, contar histórias era um hábito natural, que ocorria com o objetivo de entreter e animar a população, bem como informar e ensinar normas de

conduta ao povo, alertar sobre perigos existentes ou simplesmente manter viva a herança cultural pela memória. Para Benjamin (1983), os camponeses sedentários e os navegantes e/ou comerciantes foram os principais responsáveis pela preservação dessas histórias e dessa arte. Os camponeses, por serem conhecedores de suas terras, e os navegantes por trazerem histórias de lugares longínquos.

A experiência que anda de boca em boca é a fonte onde beberam todos os narradores [...] quando alguém faz uma viagem, então tem alguma coisa para contar, diz a voz do povo, e imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas não é com menos prazer que se ouve aquele que, vivendo honestamente do seu trabalho, ficou em casa e conhece as histórias e tradições de sua terra. (BENJAMIN, 1983, p. 58)

Os narradores populares que se utilizavam de histórias tradicionais o faziam por basear-se no seu vínculo com as experiências. No momento em que ocorre a valorização da cultura, costumes e valores, como também no compartilhamento da própria história, podemos ter a base sobre a qual se estruturam os processos identitários. (FARIA; GARCIA, 2002, p. 126).

Ouvir uma história, contá-la e recontá-la, durante muitos anos, foi a maneira de preservar os valores e garantir a construção da memória de um povo. “Toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado.” (LOWENTHAL, 1981, p. 75)

Nesse sentido, as narrativas, assim como os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. Como fontes para construção do conhecimento histórico, seu potencial é inesgotável, pois também, de acordo com Benjamin (1994, p. 98) “[...] incorporam as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”.

Portanto, a história do espaço social está relacionada também as memórias coletivas e tradições de um povo. Segundo Pierre Nora (1993, p. 7) a memória coletiva é “o que fica no passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado.” O autor apresenta a memória como:

[...] um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensíveis a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções [...] (NORA, 1993, p. 9).

Essa natureza multidimensional da memória demonstra que cada indivíduo carrega consigo um contexto histórico e cultural que é indissociável das suas experiências. Assim, sendo o sujeito um ser intersubjetivo, podemos revisitar o passado a partir de suas vivências e percepções pessoais.

A prevalência concedida durante muito tempo ao fato do sujeito ser o único

responsável pela construção de sua memória passou a ser questionada com a chegada de novos estudos em torno de uma memória concebida como coletiva. Maurice Halbwachs<sup>4</sup> foi o primeiro sociólogo a aproximar os estudos de memória ao universo das trocas e interações sociais.

Para o sociólogo a memória só possui legitimidade se existir a partir dos quadros sociais da memória, mesmo que suscitem de sentimentos ou experiências individuais, elas precisam estar ancoradas a fatos socialmente atestados. Afirmando assim, que os “quadros sociais”, ou seja, instâncias criadas e concebidas no espaço de trocas e vivências sociais, representavam o pré-requisito na constituição da lembrança. (SANTOS, 2012).

Se temos o sentimento (talvez ilusório) de que nossas recordações (que se relacionam com a vida consciente do estado de vigília) estão dispostas em uma ordem imutável no fundo da nossa memória, se a sequência de imagens do passado nos parece tão objetiva como na sequência dessas imagens atuais ou virtuais que chamamos de mundo exterior, é porque elas se situam nos quadros imóveis que não são do nosso meio exclusivo e que se impõe a nós de fora (HALBWACHS, 2006, p. 35-36).

Nessa perspectiva, o contexto social, sobretudo os fatos sociais palpáveis e visíveis constituíam a base da memória individual, sem a qual esta não seria possível de existir. Formava-se uma nova concepção em torno da memória enquanto construção social.

A partir de Halbwachs, compreende-se a memória coletiva como sendo constituída por tempos passados e dada sua importância adquirem significados, passando a influenciar a vida em grupo, servindo de base para a reconstrução da memória, bem como de suas tradições, histórias e modos de vidas. Portanto, de acordo com o autor "esquecer um período de vida é perder o contato com os que então nos rodeavam". (HALBWACHS, 2006, p. 37).

São memórias coletivas porque foram construídas com base nas interações travadas em meio social, isto quer dizer que a nossa memória está intrinsecamente relacionada com as transformações do mundo externo. A cada lembrança nos colocamos num tempo e espaço próprios do pensar coletivo, o que faz dessa memória uma construção social. “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Certamente, como pensar em momentos únicos diante de uma infinidade de acontecimentos e processos sociais travados em comunidade? Por outro lado, seria possível recordar de momentos vividos sem antes trazê-los para a realidade e assim reconstituir essa lembrança mediante a existência de fatos e pessoas? Estaríamos desprovidos de percepções

---

<sup>4</sup>Maurice Halbwachs estabeleceu os principais argumentos teóricos de defesa do caráter coletivo da memória coletiva em duas obras que hoje se tornaram referências obrigatórias ao tema, “Os quadros sociais da memória” (1925) e “A memória coletiva”, esta última publicada após sua morte (1950).

próprias? Para Halbwachs, a lógica da percepção não seria guiada com base no discernimento do indivíduo, mas sim partindo de uma concepção inteiramente coletiva, evidenciando assim sua forte visão mecanicista da percepção.

Na busca por materializar a memória e assim torná-la cabível de interpretações científicas e objetivas, Halbwachs acaba apresentando uma concepção tão mecanicista quanto à dos cientistas criticados por ele.

Quando o sociólogo afirma que a memória e o esquecimento só existem a partir do meio social, e então sobrepõe a consciência coletiva ao pensamento individual, ele coloca as percepções pessoais num patamar muito abaixo de sua importância e complexidade, deixando de considerar aspectos individuais da mente humana e os relacionando com a “causalidade natural das coisas”, quando afirma que “[...] é a ordem da natureza que então penetra em nosso espírito e regula o rumo de seus estados” (HALBWACHS, 2006, p. 60).

Em seu estudo denominado “A Memória, a História, o Esquecimento” Ricoeur (2007) reformula o conceito de memória coletiva e individual elaborado por Halbwachs, em que busca explicar o sentimento de unidade do “eu”. Ricoeur (2007) dedicou-se a estabelecer fundamentos para uma definição de memória coletiva considerando a existência de uma dimensão individual da memória.

Apesar de acreditar na existência de uma base social da memória, defende a possibilidade do indivíduo de recordar sozinho. Nesse sentido, o autor contrapõe-se a Halbwachs, ao considerar a influência da visão dos atores sociais diante do meio.

Desenvolvendo pesquisas no campo da Antropologia cognitiva, o antropólogo francês Joël Candau, também trava considerações a respeito da memória individual e coletiva. De certa forma, Candau aperfeiçoa o conceito de memória coletiva concebido por Maurice Halbwachs, ao tentar reduzir os questionamentos e dúvidas em torno da memória.

Em sua obra *Memória e Identidade*, Candau (2011) apresenta um conceito de memória individual em três níveis: a protomemória, a memória de alto nível e por final a metamemória, a única que o autor considera como sendo coletiva, ou seja, passível de ser compartilhada, uma vez que é formada a partir da representação que cada indivíduo faz do ambiente social. Essa divisão da memória de Candau, de certo modo, aprimora a teoria de Halbwachs, diminuindo o risco de confusão entre memória individual e memória coletiva.

Esta é a memória, uma fragmentação da vida gerada mentalmente ou vivida no espaço físico e social. Somos feitos de memória, e sem nossa existência ela desaparece. Mas também é ela que fundamenta nossa essência, que traz à tona a sensação de pertencimento e tem o poder de transformar quem somos. Nesse sentido, as lembranças que guardo em minhas memórias traduzem o que sou hoje e ao mesmo tempo, construo minha memória baseando-me naquilo que vivo no presente.

Ao “descortinar” as memórias leitoras do bibliotecário contador de histórias, percebemos esse fluxo ser narrado a cada pedaço de lembrança rememorada. Como se a memória fosse passeando entre vestígios do agora, mas também do passado, criando e gerando movimentos numa dança entrecortada por processos históricos, culturais e sociais.

### **3 O ATO DE LER E A MEDIAÇÃO DE LEITURA**

Tratar de mediação na CI sem à priori refletir acerca do conceito de leitura e sua funcionalidade pessoal e social é como iniciar uma caminhada na direção errada. Uma vez que, sem leitura não se faz mediação da informação, “[...] sem ela todas as ações realizadas nos espaços informacionais são inúteis e desprovidas de sentido, pois a informação deixa de ser apropriada” (ALMEIDA JÚNIOR, 2007, p. 35).

Na perspectiva do sujeito como produtor de sentidos, o leitor assume um papel atuante. Deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo, passando a ser um construtor, um coautor da informação ou do texto, como destaca Almeida Júnior (2007). Abarcando essa perspectiva, a leitura é vista como imprescindível na apropriação da informação, e o leitor, ao se apropriar da informação, do texto, não o faz de forma passiva, age ativamente, construindo significados.

É importante salientar, que tratamos a leitura neste artigo como a capacidade do ser humano de compreender o mundo à sua volta, interpretando sons, letras, imagens e símbolos em um processo contínuo de construção de significados. Já que, conforme aborda Chartier (1998, p. 77), “a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados.”.

Assim, pode-se entender a leitura visual, oral e escrita como um processo permanente de comunicação entre os indivíduos e o meio social. Afinal essa prática se faz presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a interagir socialmente, provando, pois, que a leitura está nas conversas, nas escolas, nas rodas de brincadeiras, nas histórias que contamos na rua, na arte e na cultura, dentre vários lugares que permitem a percepção de olhares leitores.

Freire (2003, p.8) denominou essa prática como “leitura de mundo”, que, segundo o autor, antecede a leitura da palavra:

Ao ir escrevendo este texto, ia “tomando distância” dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial. Primeiro, a “leitura” do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da “palavra mundo”.

Durante a formação do sujeito construímos, gradativamente, uma relação de dependência com a leitura, pois através dela tornamos possível a comunicação interpessoal, sendo este mecanismo fundamental para convivência social.

Nesse sentido, a prática da leitura ultrapassa a mera capacidade de decifrar códigos linguísticos. O leitor ao praticar a leitura age sobre aquilo que compreende, misturando percepções, opiniões e experiências na construção de uma série de significações, conforme aborda Lajolo e Zilberman (1982):

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que o autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO; ZILBERMAN (1982, p. 59).

Ao apresentar para o leitor alfabetizado novas chances de aprender com prazer estamos dando oportunidade de o sujeito buscar e explorar campos diversos dentro daquilo que ele julgar necessário. Nesse contexto surge a figura do mediador, seja um professor, familiar ou bibliotecário, seu papel é tornar esse percurso favorável à aprendizagem.

O papel do mediador social não é o de exigir ou induzir a leitura por obrigação, mas de sensibilizar a leitura por amor, por desejo ou simplesmente por curiosidade. Podemos considerar, enquanto intermediários da prática de leitura, mediadores sociais de cunho institucionais como a biblioteca, família, livrarias e mediadores sociais pessoais tais como os pais, irmãos, tios, vizinhos, amigos, professores, bibliotecários, etc.

Tratando-se de leitura, o mediador é aquele que medeia, intervém, aproxima o leitor do texto. Em outras palavras, o promotor da relação leitor – objeto – leitura. Mas também aquele que pode despertar no sujeito o interesse e a curiosidade pelo mundo das leituras, especialmente a literária. (BORTOLIN, 2010).

Antes, porém, para que a mediação aconteça, é preciso levar em consideração que cada leitor tem suas particularidades em relação ao ato da leitura, decorrentes tanto da escolaridade como de experiências vividas no seio familiar, por exemplo. Um cotidiano leitor é composto não apenas pela presença de livros, mas principalmente, de espaços sociais em que convivam leitores.

Sabe-se que ninguém nasce leitor. Assim como aprendemos a falar, caminhar, escrever e ler, também nos tornamos leitores. Na realidade, o encontro com a leitura, muitas vezes, só é possível por intermédio de um mediador.

As histórias contadas pelos avós ou as cantigas de ninás cantadas pelos pais constituem-se em elementos que instigam a imaginação, a criatividade, sobretudo a curiosidade de buscar sempre por mais, pois aquele que ouve também constrói histórias.

As narrações de histórias contribuem não apenas para o incentivo da leitura como também para o desenvolvimento social da criança. “[...] entre as aquisições da infância, a riqueza das tradições, recebidas por via oral. Elas precederam os livros, e muitas vezes os substituíram. Em certos casos, elas mesmas foram o conteúdo desses livros.” (MEIRELES, 1979, p. 42).

#### **4 “VESTINDO O PERSONAGEM”: O BIBLIOTECÁRIO CONTADOR DE HISTÓRIAS**

Apesar do costume de narrar histórias ser uma tradição muito antiga, a expressão “Contação de Histórias” só foi empregada a partir das últimas décadas do século XX. Busatto (2005) destaca, portanto, que se trata de um neologismo e de uma expressão relativamente nova.

Após quase ter desaparecido, em consequência do surgimento das novas mídias, os contadores de histórias ressurgem como fenômeno urbano, dando origem, ao que hoje se conhece como novos contadores, ou contadores urbanos. Foi um retorno que surpreende, até hoje, tendo em vista a industrialização e urbanização das cidades, e a enorme gama de estímulos científicos e tecnológicos que existem nas sociedades modernas (SISTO, 2001).

Apesar das mudanças presentes na sociedade atual, de modo aparentemente contraditório, o costume e a arte de contar histórias sobrevivem com uma proposta pedagógica e de apropriação da leitura e da literatura como processo de mediação em espaços culturais, a exemplo das bibliotecas.

No Brasil, foi por volta dos anos 80 que profissionais da área de Educação e de Biblioteconomia deram maior importância para formação leitora ao desenvolver um projeto intitulado “Hora do conto” (PATRINI, 2005). Este projeto tinha como objetivo aproximar o aluno do livro e desenvolver o gosto pela escrita e leitura. A partir daí se formava uma nova visão em torno da prática pedagógica e o surgimento de uma nova classe de contadores de histórias preocupados com a mediação da leitura e a formação de leitores pela oralidade e a narrativa de textos literários.

Mas, é principalmente, a partir da década de 1990, que o “boom” dos contadores de histórias se manifesta pelo país. Alguns autores, como Sisto (2001, p.60), acreditam que isso se deu especialmente pela difusão das bibliotecas e pela concepção de que esses profissionais poderiam atuar de forma mais presente nas bibliotecas, escolas, espaços culturais e comunidades.

Sob tais circunstâncias favoráveis, a inserção dos profissionais bibliotecários no Estado, no âmbito da formação de leitores e da realização de práticas culturais de incentivo à leitura, faz esse profissional vestir-se de um desafiante e importante papel: o de sensibilizar leitores. Desde então, através da oralidade o contador de história buscou métodos e artifícios para sobreviver numa época marcada pela emergência de diferentes meios de comunicação.

Coentro (2008) destaca algumas das diferenças entre os contadores tradicionais e esses novos contadores. Assinala, entre outras, o fato de as narrativas dos contadores tradicionais

propiciarem momentos de reflexões, permitindo um intercâmbio de experiências entre ouvinte e contador, já que antigamente a sua imagem era associada àquele que sabia dar conselhos. Hoje, dependendo do local de apresentação, não se faz possível essa troca de experiências, pois a contação tornou-se um espetáculo com figurino, cenário e bastante performance.

Nesse sentido, os narradores contemporâneos se dividem entre as práticas tradicionais da contação de histórias e os novos formatos de narração das histórias. Durante muitos anos, as histórias contadas nas ruas encontravam na experiência de vida sua substância, sua forma e enredo. Atualmente, os contadores de histórias buscam nos livros suas inspirações, dando voz às letras escritas e servindo de veículo transmissor da literatura.

O cenário em que estas histórias acontecem também foi modificado, hoje os contadores se apresentam em escolas, centros culturais, feiras de livro, museus, dentre outros espaços que se interessam pela difusão da leitura. A escolha do repertório está diretamente relacionada ao espaço e público de atuação, uma vez que os gêneros textuais para crianças e adultos diferem no seu formato e conteúdo.

Apesar das mudanças que acompanham as transformações sociais, os contadores de histórias ainda necessitam selecionar tons, gestos e movimentos para entreter o ouvinte. Além disso, o sentimento está muito relacionado à atuação do contador de histórias, pois para emocionar seus ouvintes no palco é preciso, sobretudo, acreditar na sua arte e no seu poder transformador. Uma história nunca é escolhida por acaso. Ela vem ao encontro do contador, permitindo-lhe encontrar um pouco de si mesmo.

## **5 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

Com intuito de compreender e analisar as memórias leitoras dos bibliotecários contadores de histórias, optou-se nesta pesquisa por uma abordagem qualitativa, por entender que esta permite o estudo aprofundado das interações sociais, além de possibilitar diferentes caminhos teóricos e metodológicos para o entendimento do objeto em estudo.

Dentre os métodos qualitativos, elegemos a História Oral, especificamente a História Oral de Vida, pois através da oralidade poderemos empreender interpretações qualitativas das experiências de vida tanto no âmbito pessoal como profissional do sujeito pesquisado.

Na obra “Usos e Abusos da História Oral” Thomson (2006), Lozano (2006, p. 17) apresenta as etapas do uso da História Oral enquanto método, sob a perspectiva da análise tradicional histórica, na qual nos baseamos para a construção desta pesquisa:

De início, apresenta uma problemática, inserindo-a em um projeto de pesquisa. Depois, desenvolve os procedimentos heurísticos apropriados à constituição das fontes orais que se propôs produzir. Na hora de realizar essa tarefa, procede, com o maior rigor possível, ao controle e às críticas internas e externas da fonte constituída, assim como das fontes complementares e documentais. Finalmente, passa à análise e à interpretação das evidências e ao exame detalhado das fontes recompiladas ou acessíveis.

Essas concepções descritas acima demonstram que fazer história oral não significa simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência das pessoas, mas acima de tudo, produzir conhecimentos históricos e científicos.

Consideramos também os estudos da pesquisadora Lang (1995) a respeito do método de história oral como fonte de pesquisa. De acordo com a autora, as fontes orais podem assumir a forma de: histórias orais de vida (é o relato do narrador sobre sua existência através do tempo); relatos orais de vida (é solicitado ao narrador que aborde determinados aspectos de sua vida; a narração é direcionada para uma temática, a qual utilizamos nesta pesquisa); ou de depoimentos orais (busca obter dados informativos e fatuais do entrevistado sobre sua vivência em determinadas situações, ou a participação em instituições que se quer estudar).

Utilizamos a entrevista, semiestruturada, gravada e transcritas conforme falada pelo respondente, para análise dos relatos de um Bibliotecário atuante em biblioteca pública, mas que havia recentemente vivenciado uma experiência em biblioteca escolar, o que enriqueceu seu testemunho. A entrevista ocorreu no espaço da Universidade Federal do Ceará mediante primeiro contato através da internet.

Como forma de preservar a identidade dos sujeitos, ao tornar público seus relatos de vida pessoal e profissional, o interlocutor será identificado pelo último nome (sobrenome). A seguir, apresentamos uma tabela com informações sobre o perfil do participante da pesquisa.

#### QUADRO 1 – PERFIL DO BIBLIOTECÁRIO

NOME	Duarte
IDADE	26 anos
INSTITUIÇÃO DE GRADUAÇÃO	Universidade Federal do Ceará – UFC
ANO DE FORMAÇÃO	2015
LOCAL DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL	Biblioteca Romeu Aldiguer do SESC (Serviço Social do Comércio)

Fonte: Elaborado pela autora

Nesta pesquisa, valorizamos as narrativas orais vivenciadas e produzidas em interação com espaço social, num constante processo de trocas simbólicas entre o indivíduo e a sociedade. Dessa forma, a pesquisa foi organizada em três grupos/blocos de questões denominados como:

- **Esquema Norteador 1 - Experiências Leitoras;**
- **Esquema Norteador 2: Livros marcantes que li e contei;**
- **Esquema Norteador 3- Falando em Mediação de leitura.**

Ao entrevistado foi oportunizada uma reflexão acerca de uma nova consciência de si próprio, de uma construção e reconstrução guiada por uma investigação auto reflexiva a respeito de suas atitudes do passado, trazendo à tona uma nova consciência de si.

## 6 ENCONTRO COM AS NARRATIVAS ORAIS DO BIBLIOTECÁRIO CONTADOR DE HISTÓRIA

Durante a entrevista, foi possível observar o Bibliotecário contar suas histórias, e ao mesmo tempo construí-las, dando dinamicidade às memórias antes esquecidas. Ao entrevistado foi oportunizada uma reflexão acerca de uma nova consciência de si próprio, de uma construção e reconstrução guiada por uma investigação auto reflexiva a respeito de suas atitudes do passado, trazendo à tona uma nova consciência de si, que ficará visível no relato de seu testemunho.

Ao pedirmos que o bibliotecário-narrador desta pesquisa revisitasse suas lembranças mais remotas (antes mesmo de ingressar na escola) e nos contasse os vestígios de leituras/narrativas orais que marcaram sua vida e sua memória, assim como o primeiro contato com os livros, percebemos em sua fala a presença de mediadores sociais pessoais:

*Bom, nesse caso, devo pensar na **minha família**. Na minha família sempre tinham os tios que gostavam de contar algumas histórias, porque realmente eles falavam muito nisso, a gente se reunia, conversava nas calçadas, então acredito que na infância eu sempre prestava atenção nos mais velhos, então dessa parte eu acredito que oralidade realizada pela parte da família nos encontros com os familiares pode trazer pra mim esse desejo de conhecer as histórias. (Grifo nosso)*

*Minha mãe sempre gostou muito de escrever, de ler ne, a formação dela vai até digamos o grau técnico, e ela sempre incentivou a leitura, sempre trouxe pra mim revistas, livros, jornais ne, e ela também ler em casa. (Grifo nosso)*

Podemos identificar pelo relato exposto acima, a figura de um mediador social pessoal que é a família. Os tios foram figuras importantes para sensibilizar os ouvidos do sobrinho para o mundo imaginário das narrativas quando contavam histórias e causos populares nas calçadas. De acordo com Rösing e Tussi (2009, p.45) “[...] A promoção da leitura na infância inicial se faz pela voz e pelas mãos dos pais e cuidadores, uma vez que a literatura não chega sozinha à criança”:

Rubem Alves (1993, p.41) contemporiza com essa ideia quando diz que:

*Tudo começa quando a criança fica fascinada com as coisas maravilhosas que moram dentro do livro. Não são as letras, as sílabas e as palavras que fascinam. É a história. A aprendizagem da leitura começa antes da aprendizagem das letras: quando alguém lê e a criança escuta com prazer. A criança volta-se para aqueles sinais misteriosos chamados letras. Deseja decifrá-los, compreendê-los – porque eles são a chave que abre o mundo das delícias que moram ali.*

Dando prosseguimento à entrevista, perguntarmos para o interlocutor como aconteceu os primeiros contatos com os livros e percebemos que sua mãe pode ser claramente apontada como sujeito mediador de leitura, ou seja, o promotor da relação “leitor-objeto-livro” em sua vida, quem de fato proporcionou o acesso as primeiras revistinhas em quadrinhos.

*[...] eu acredito que primeiro o momento foi quando eu ganhei algumas revistinhas em quadrinhos, são revistas da turma da Mônica, que minha mãe sempre comprava para mim [...] então através das revistinhas eu fui começando a ler e ao mesmo*

*tempo eu pude também aprender a desenhar, que eu reproduzia alguns personagens ne, e daí criava histórias [...]além disso, lembro também da escola[...] lá também tinha uma biblioteca e a gente tinha que pegar livro semanalmente, [...] na escola tinha biblioteca, eu tinha chance de ter acesso à livros de boa qualidade gratuitos.*

Ao questionarmos se na escola ou na sala de leitura ele trazia na memória a imagem de algum mediador, o mesmo disse que não recordava de nenhuma figura nesse sentido. O que demonstra que durante a formação escolar havia meios para o acesso à informação, porém, pela falta de um mediador, a aproximação com as leituras ocorreu em casa. No caso de Duarte, foi possível esse incentivo a partir da família, mas em muitos casos os pais não compreendem a importância da ação de mediar a leitura, depositando na escola e nos professores toda responsabilidade da aprendizagem dos filhos.

Infelizmente, a realidade brasileira anda a passos lentos no que diz respeito à formação de leitores. Muitas vezes as escolas utilizam metodologias que só afastam as crianças dos livros, causando consequências desastrosas no aprendizado. Apesar disso, é principalmente, na instituição escolar que o aluno tem o primeiro contato com os livros e com a sala de leitura, o que demonstra a importância da biblioteca no âmbito da aprendizagem escolar:

*Bom, como eu falei também tinha na escola ne, então eu gostava muito de ler os livros da Ruth Rocha, até me lembro bastante um deles que eu até contei histórias depois, que é o Piquinique do Katapimba, muito bom! (Grande entusiasmo). Então esses livros eu tinha sempre alcance nas escolas, não era comumente que eu ganhava livros, ganhava mais revistinhas, revistas de pintar e tudo, mas os livros eu tive contato mais na escola, na infância.*

No entanto, os livros por si só, não falam sozinhos, não nos convidam, não clamam pela nossa leitura, é preciso um mediador que se ocupe em apresentar o espaço leitor e as possibilidades de aprendizagem através da leitura.

Nesse aspecto, surge a figura do bibliotecário enquanto mediador social de leitura. Este, por sua vez, possui as competências necessárias para aproximar o leitor do texto, e principalmente, por meio da paixão pela literatura, consistindo em uma peça fundamental para a formação leitora.

Michèle Petit (2008), grande estudiosa da leitura e da formação do leitor, na obra *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*, afirma que a biblioteca e a pessoa do bibliotecário também são mediadores importantes para a formação leitora. Contudo, segundo Petit (2008, p. 166), não é apenas a existência da biblioteca ou da escola “que desperta o gosto por ler, por aprender, imaginar, descobrir. É um professor, um bibliotecário que, levado por sua paixão, transmite-a através de uma relação individual”.

Outra pesquisadora também estudiosa da leitura, Vera Teixeira de Aguiar (2006), no artigo *O caminho dos livros: da biblioteca à comunidade*, discute sobre as lacunas existentes na função do bibliotecário no que tange à formação de sujeitos leitores. Alega que não basta

apenas dispor de um bom acervo físico para formação do leitor, e sim “o trabalho do bibliotecário como animador cultural” (AGUIAR, 2006, p. 259).

Com intuito de adentrar no seu universo leitor e entender o gosto pelas narrativas de histórias, pedimos que Duarte, comentasse, narrativamente, sobre de que forma se dava o seu cotidiano leitor:

*Bom, de manhã eu já estou lendo na parada então eu sempre ando com um livro dentro da minha mochila, então eu to sempre lendo alguma coisa, principalmente agora que estou escrevendo, to lendo sobre **literatura de fantasia**. [...] Além disso, tem a contação de histórias, que a gente também tem que ta lendo **literatura infantil**, e outras literaturas pra poder contar uma boa história para as crianças. Além disso, no trabalho a gente **ler jornais**, então a gente precisa ta sempre atento aos **periódicos** e a gente traz hoje atualmente a literatura que a gente foca também na área digital, a gente ta lendo **no celular**, no computador, então a gente **ler notícias**, ler uma informação que possa ajudar algum usuário. (Grifo nosso)*

É perceptível na fala do interlocutor um entendimento sobre a importância da leitura. Quando avaliamos o seu cotidiano leitor, percebemos que a leitura perpassa por quase todos os seus momentos diários: na parada do ônibus antes de chegar ao trabalho, durante o exercício de bibliotecário, sempre na busca de manter-se informado.

No caminhar da entrevista perguntamos qual a história que Duarte mais havia gostado de narrar para os seus ouvintes e, de modo entusiasmado, ele nos respondeu rapidamente:

*“**Aprende a escrever na areia**”, autor Mauba Tarram[...]Uma história muito bonita que ensina sobre o **perdão**, a **amizade** e realmente essa história meche muito comigo, porque no final ela dá a lição que das coisas ruins a gente tem que escrever na areia pra que se apague, e as coisas boas a gente grava na pedra, pra que nunca se desmanchem. As pessoas ficam emocionadas com a lição, muito boa essa história! (Grifo nosso)*

Visivelmente, notamos como essa história possui um significado para nosso entrevistado. Nota-se também que a escolha de narrar uma história está diretamente relacionada com a satisfação dos ouvintes “*As pessoas ficam emocionadas com a lição, muito boa essa história!*”. Valores como perdão e amizade tendem a envolver o público, mas é, principalmente, quando estas questões emocionam o contador de história que a plateia se sente envolvida.

Nesse sentido, assim como afirma Petit, o mediador “para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor” (PETIT, 2008, p. 145). O que demonstra que a relação do leitor com o texto literário em muitos casos dependerá das interações pessoais e verbais vivenciadas durante toda sua trajetória de vida.

Portanto, não existem fórmulas para torna-se um contador de história, nem tampouco um dom, como muitos chegam a dizer, é preciso acima de tudo ter oportunidades de conviver com esta prática, seja durante a infância ou na formação profissional. Finalizando as

discussões levantadas, solicitamos ao bibliotecário narrador que tecesse sobre as formas de sua atuação enquanto mediador de leitura:

*Nos últimos anos trabalhei como bibliotecário no colégio batista e como voluntário no SESC, então nos dois momentos eu pude utilizar a contação de histórias para mediar a leitura, mas não somente a contação de histórias. Chega um momento que você também tem que oferecer pros professores, para os pais, algumas leituras que eles pediam, então também tinha muita informação utilitária ne, então a gente tinha que mediar a leitura [...] no caso não era entregar a informação pronta, era as vezes ensinar como chegar até informação, ou qual livro eles poderiam ler, utilizar ou onde eles poderiam encontrar a informação.[...] Então o bom acervo que a gente encontrava tanto no SESC como na biblioteca do colégio batista, ajudaram sim a formar os leitores e principalmente ajudaram pra que eu pudesse mediar melhor a leitura.*

Na fala de Duarte percebemos a presença de ações voltadas para mediação da informação sem a presença expressa do leitor-usuário. Esta prática pode ser denominada como mediação implícita que, diferentemente da explícita onde a presença do leitor é concreta, ela pode ocorrer através de ações que facilitem o acesso a informação e represente da melhor forma o conteúdo informacional do documento. (TONELLO; LUNARDELLI; ALMEIDA JÚNIOR, 2012).

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos conhecer, através das memórias leitoras dos bibliotecários, suas histórias de leituras, a partir da rememoração de fatos que representavam total relevância para a prática literária por eles exercidas, no que tange ao exercício de mediadores de leitura, sobretudo, no papel de contadores de histórias. Ao adentrarmos em suas histórias de leitura, constatamos parcialmente a importância das ações de mediadores de leitura para a aproximação e afastamento do leitor do texto literário em diversas fases da caminhada.

Do relato das memórias de leitura do interlocutor, emergiram vozes, imagens, gestos e olhares de pessoas que, diretamente ou indiretamente, fizeram parte destes momentos de construção leitora. E, facilmente, notamos o quanto os mediadores de leitura constituem figuras necessárias na vida de um sujeito leitor em construção.

Esta primeira experiência, nos possibilitou refletir sobre a necessidade de dar “voz” aos bibliotecários contadores de histórias para, assim, compreendermos melhor o significado de seu processo de formação, um processo que perpassa a história de vida do sujeito constitutivo pela interação social, pois “somos atravessados por uma permanente intersubjetividade, quer queiramos, quer não” (YUNES, 2002, p. 33).

A participação da família fora fator preponderante para o acesso à leitura e contato com o texto literário na infância do entrevistado. Ao enveredar pelas memórias de Duarte percebemos que sua mãe exerceu e exerce um importante papel na promoção do contato com

as letras. Não somente no exercício leitor, como também no de escritor, pois, conforme mencionado por ele, sua mãe é uma exímia escritora.

A escola constituiu-se como mediador institucional do acesso ao livro, pois, conforme mencionado pelo respondente, sua família não possuía condições econômicas para comprar livros. Por outro lado, não havia a figura de um sujeito que mediasse a leitura nesses espaços, um professor ou bibliotecário que promovesse não só o contato com livro, mas a sensibilização para com a leitura. Acima de tudo, que apresentasse o prazer das leituras despreocupadas, desprovidas de exigências escolares, só pelo desejo e amor pelas histórias.

Dessa forma, o interesse pela leitura de Duarte ocorreu através das ações e iniciativas de outros mediadores sociais, tais como a família, especialmente a mãe e os tios, que contavam histórias e o presenteava com gibis. O que nos fez constatar que antes mesmo de ingressar na faculdade o seu relacionamento com a leitura já havia iniciado.

Durante a escuta dos depoimentos do entrevistado, também pudemos entrever sobre as transformações na performance do contador de histórias contemporâneo. A nova conjuntura social, permeada por interatividade e comunicações mediadas por tecnologias, parece exigir que o contador de histórias tenha o domínio de técnicas corporais, sabendo se utilizar de expressões faciais e corporais para dar mais vida aos personagens e a narração. Além disso, buscando o emprego de novos artifícios do ato de narrar, usando adereços e complementos que torne essa ação mais divertida.

Finalmente, a pesquisa revelou que as memórias de leitura na vida e no exercício como contador de histórias do bibliotecário entrevistado, foram permeadas pela presença de mediadores sociais, principalmente de cunho pessoal.

A presença desses sujeitos na vida de Duarte demonstra grandes efeitos no modo em como ele lida com a leitura não só na vida pessoal como também na profissional. Evidenciando assim, que o papel do mediador é fundamental para o processo de aprendizagem literária, por propiciar, por meio de uma rede de sociabilidades, o acesso e contato com o texto escrito.

No entanto, muitas questões ficaram sem respostas e demandam novas pesquisas para aprofundá-las. Dentre elas o processo de interação com o texto literário, assim como se aprofundar na sua formação profissional no âmbito da faculdade de biblioteconomia. É necessário investigar ainda os caminhos que levarão esse profissional a se apropriar da figura de mediador social pessoal e, assim como a família e a escola, ser imprescindível na inserção do sujeito no universo leitor.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. O leitor competente à luz da teoria da literatura. **Revista TB**, n. 124, p. 23-24, jan./mar. 1996.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, Jussara Pereira (Org.). **A leitura como prática pedagógica: na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. p.33-35.

ALMEIDA JUNIOR, O. F.; BICHERI, Ana Lúcia Antunes de Oliveira. Bibliotecário escolar: um mediador de leitura. **Revista Ribeirão Preto**, v. 2, n. 1, p. 41-54, 2013.

ALVES, Rubem. **Sob o feitiço dos livros**. 1993. Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u727.shtml>>. Acesso em: 21 mai 2016.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte da era de sua reprodutibilidade técnica. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. O narrador. In: \_\_\_\_\_. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 59

BORTOLIN, S. **Mediação oral literária: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando**. 2010. 232 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Marília.

BUSATTO, Cléo. **Narrando histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. 132 f. 2005. Dissertação (Mestrado em literatura). Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

COENTRO, Viviane Silva. **A Arte de contar histórias e letramento literário: possíveis caminhos**. 2008. 207 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Departamento de Institutos de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000433074&fd=y>> Acesso em: 10 de mar de 2016.

FARIA, Hamilton; GARCIA, Pedro. Arte e Identidade Cultural na Construção de um Mundo Solidário. In: \_\_\_\_\_. **O reencantamento do mundo: arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário**. São Paulo: Polis, 2002.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção palavra da gente; v. 1).

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1982

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História Oral: Muitas Dúvidas, Poucas Certezas E Uma Proposta. In: MEIHY, José Carlos Sebe (Org.). **(Re) Introduzindo História Oral no Brasil**. Série Eventos. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1.996.

LOWENTHAL, David. Como Conhecemos o Passado. **Projeto História (17)**. São Paulo: EDUC, 1981.

LOZANO, J.E.A. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. São Paulo: Summus, 1979.

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história**: a problemática dos lugares. Projeto História, nº 10, p. 7-28, dez, 1993.

PETIT, Michéle. **A arte de ler. Ou como resistir à adversidade**. Tradução de Arthur Buenos e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

PATRINI, M. de L. **A renovação do conto**: emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. **Memória Coletiva e Teoria Social**. 2a ed., São Paulo, Annablume, 2012.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de narrar histórias**. Chapecó: Argos, 2001.

THOMSON, Alistair. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

TONELLO, I. M. S.; LUNARDELLI, R. S. A.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Palvaras-chave: possibilidades de mediação da informação. **Ponto de Acesso**, Salvador, v.6, n.2 ,p. 21-34, 2012. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/4524/4552>>. Acesso em: 3 de mai. 2016.

YUNES, Eliana. **Pensar a leitura**: complexidade. São Paulo: Loyola, 2002.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo: Ciadas letras,1993.